



A Rainha Alexandra e a Imperatriz da Rússia na sua casa da Dinamarca—(Photographia medita pertencente ao sr. marquez de Soveral).

N.º 220 Lisboa, 11 de Julho de 1910

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 4\$800 réis—Semestre, 2\$400 réis
Trimestre, 1\$200 réis

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artístico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GUAÇA

Redacção, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão **Rua Formosa, 43.**

Prana Uma fabrica de agua gazosa em sua propria casa

Sparklets

Grande economia e utilidade

Uma garrafa de liquido gazoso 30 réis!!

Um elegante e commodo aparelho 1\$600 réis!!

Syphão duplo tamanho 2\$500 réis

Duzia de cargas 550 réis

A preparação de refrescos e bebidas gazosas, instantaneamente, em sua propria casa, ou em qualquer outro lugar, a qualquer hora, com agua de sua inteira confiança, é uma **commodidade** que exclusivamente se consegue com o emprego dos **Sparklets**.

A' venda por toda a parte. Importador exclusivo em Portugal, ilhas e colonias:

Pharmacia Barral

LISBOA



Sociedade fabricante

DE

Discos

Acaba de ser posto á venda o esplendido repertorio dos melhores discos que se encontram no mercado com as ultimas novidades, taes como: *Atmos de Ines*, *Sonho de rois* e outros de double face ao preço de 1\$050 réis cada disco grande. Discos de outras marcas, muito bons de double face, grandes, a 750 réis. Ninguem os tem mais bem impressos, nem mais baratos. Pedidos á *Casa Simples, Bicyclettes, discos e machinas fallantes*, de J. CASTELLO BRANCO, rua do Socorro, 25-B e rua do Santo António, 32 e 34, quer para venda avulso como para revender.



© passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e psysionomista da Europa

MADAME

Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, chronologia e phisilogia e pela applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathgoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja—LISBOA. Consultas a 1\$000 rs., 2\$500 e 3\$000 rs.

TRABALHOS DE ZINCOGRAVURA, PHOTOGRAVURA, STEREOTYPIA

Zincogravura e Photogravura

Em zinco simples de 1.ª qualidade, cobreado ou nickelado.

Em cobre.

A côres, pelo mais recente processo—o de trichromia.

Para jornaes com tramas especiaes para este genero de trabalhos.

IMPRESSÃO E COMPOSIÇÃO

Fazem-se nas OFFICINAS

DA

Ilustração Portuguesa

Postas á disposiçao do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços modicos e com inexcelsavel perfeiçao.

Stereotypia

De toda a especie de composiçao

Impressão e composição

De revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite.

Officinas da ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA, Rua Formosa, 43

O NOVO MINISTERIO



1—O ministro da fazenda, sr. conselheiro Anselmo d'Andrade
(Cliché de Benoit)

2—O ministro das obras publicas sr. conselheiro Pereira dos Santos

Depois de longas indecisões, a corôa acabou por resolver a crise ministerial entregando o poder á esquerda parlamentar, onde o velho partido conservador de Fontes, se bem que desfalcado por numerosas scisões, representava ainda, fóra do inexplicavel monopólio governativo do progressismo—uma palavra sem sentido applicada a um partido que evolucionou ás avessas, retrogradando,—o nucleo disciplinado e forte a quem o regimen podia confiar a tarefa difficil do poder. Seriam prematuros quaesquer vaticínios sobre a acção que o ministerio do sr. conselheiro Teixeira de Sousa exercerá nos destinos do paiz. Forçoso é, porém, reconhecer que elle condensa nos sete homens eminentes que o constituem a representação intellectual do partido na sua mais nitida expressão de progresso e de reforma. A energia obstinada do sr. conselheiro Teixeira de Sousa, a quem ninguem hoje contesta a varonil capacidade do mando, é, n'este lance difficil da historia politica portugueza, secundada por colaboradores excepcionalmente aptos, na sua maioria, para imprimirem ao governo esse caracter evolutivo sem o qual todo o exercicio contemporaneo do poder representa um contra-senso funesto. Compromettido a avançar pelos caminhos anteriormente traçados por um vasto programma, cuja laboriosa complexidade lhe dá talvez o perigoso aspecto de um labyrintho, o governo do sr. conselheiro Teixeira de Sousa é, fóra de toda a discussão, o primeiro governo digno d'este nome em que se apoia o actual reinado. Os que o precederam foram, na sua quasi totalidade, ministerios opportunistas. Não eram governos. Eram subterfugios governativos, ainda mesmo quando presididos pela intelligencia superior de um homem com os recursos do sr. conselheiro Wenceslau de Lima.

Aos phantasmas inconsistentes d'esses ministerios-ficções, organisados mais para remediar conflictos parlamentares insanaveis do que para resolver os grandes e urgentes problemas da administração e da politica, succede finalmente um governo preparado em singulares condições de estabilidade, desembaraçado, ante as represalias das opposições intransigentes, de responsabilidade nos grandes erros a que a opinião publica attribue, não sem razão, o descalabro nacional.

Não deixou certamente de prever o chefe do partido regenerador, ao aceitar do monarcha a iucumbencia de governar o paiz, as collições de irreconciliaveis interesses, de rancorosos ciúmes, de inflexiveis represalias que lhe difficulterão o desenvolvimento praticavel de um vasto plano administrativo, capaz de arrancar a nação da immobillidade anachronica em que o mantiveram os pleiteos egoistas de uma longa dynastia de politicos, que quasi toda liquidou no desprestigio e no descredito. A intervenção culminante do partido regenerador na



Para o fisco...
O sr. presidente do conselho saindo de sua casa, no largo de S. Sebastião da Pedreira, e dirigindo-se ao palacio das Necessidades para informar a El-Rei da constituição do gabinete (Cliché de Benoit)

política portuguesa depois de alguns annos de afastamento do poder representa para o regimen o recurso de que se lança mão no lance extremo. Corresponde na estratégia política ao arremesso das reservas no desenlace de uma batalha. Esse prolongado ostracismo, através do qual se desenvolveram o drama pathetico do franquismo e a comedia Intermit-



tente dos ministerios de colligação parlamentar, parece, porém, ter aproveitado. mercê das suas severas e eloquentes lições, aos homens que a monarchia acabou por chamar aos gabinetes do Terreiro do Paço.

Falta agora ver até que ponto os seus actos correspondem á proclamação ressoante dos seus prin-



3—O ministro da guerra coronel sr. Raposo Botelho

1—O ministro dos estrangeiros sr. conselheiro José d'Azevedo Castello Branco 2—O novo ministro da justiça sr. dr. Manuel Fratel—(Clché de Benelieb)

cipios. E' sabido que a maior determinante da crise politica portugueza foi a selecção invertida com que procederam os chetes na escolha dos seus collaboradores essenciaes, de que resultou uma mediocracia que paralysa todos os esforços de progresso. Vae o actual governo restaurar o predominio dos homens intelligentes ou manter a tyrannia dos homens mediocres? O seu exito ou o seu insuccesso em grande parte depende da resolução que der a esse dilemma.



4—O ministro da marinha sr. conselheiro Marnoco e Sousa (Clché de Benelieb)

PIRATAS E CORSARIOS



O interesse foi, e será sempre, a móla propulsora de toda a actividade humana.

Desde o velho Troglodita armadilhando ás fêras, até ao *Homo-sapiens* de hoje abrindo caminho para o infinito, todos trabalhavam pelo interesse, mais ou menos material.

O classico *busca-pão* manifesta-se — há milhares de annos — desde os primeiros prenuncios da vida vegetativa e animal, até ás lucilações sagradas da intelligencia humana.

A maneira é que differe.

Uns licitamente, isto é: em harmonia com a moral da sua epocha e do seu logar; outros illicitamente, em collisão com a lei.

Estes ultimos são a má especie, os parasitas, os ladrões, os malfétores, os salteadores, os facinoras, que atacam quem passa nos caminhos, talam a propriedade e violam a habitação. Dado o desenvolvimento do commercio marítimo entre as nações, seguiu-se o apparecimento immediato e consequente do ladrão do mar.

Industria rendosa, certamente, o apresamento de navios mercantes, pois que, através de mil perigos e perseguições, os piratas augmentavam extraordinariamente em numero e poderio. Queixaram-se d'elles

os Phenicios. Grecia, Roma. a Dinamarca, a Suecia-No-ruega, a Inglaterra. França, Hespanha, Portugal, as Antilhas, a Oceania, etc....

Raros havia que respeitassem vida ou fazenda protegidas pela bandeira do seu paiz natal. Começado um combate de abordagem, com auxilio de poderosos harpões de ferro, a sêde de sangue chegava ao delirio.

Era uma lucta terrivel, braço a braço, ao punhal, á espada.

Havia abraços que só se desfaziam nos órgãos digestivos dos grandes peixes. Cingidos, corpo a corpo, cravava cada um o seu punhal nas costas do adversario, e só se desligavam quando caíam mortos, guardando no coração as laminas trocadas.

Lucta verdadeiramente selvagem.

Conta-se que sendo levado á presença de Alexandre Magno um pirata, se travára entre os dois este interessantissimo dialogo, cuja authenticidade historica não podemos garantir, mas que é uma nota typica da audacia que lhes dava a sua enorme força:

— *Dionidas, com que direito te apossas do mar?*

— *E porque motivo saqueaes vós toda a terra?*



Os corsarios: 1—João Bart 2—Duguay Trouin 3—Forbin 4—Barba-Rôxa 5—Combate do cabo Lezard (quadro de Gudin)



Leonor de Lencastre (como quem escrevia a pessoa de igual categoria) pedindo-lhe, quasi, o obsequio de a deixar em paz. A carta que a rainha dirigia ao corsario, e que por qualquer motivo não seguiu o seu destino, conserva-se ainda no archivo da cidade. Era enviada á camara municipal (carta régia de 23 de setembro de 1484) para que esta a fizesse chegar ás mãos de João Bretão. Se elle insistisse em *piratear* os mares portuguezes, se aprestassem tres ou quatro navios de Argel. Considerado por todos e temido por muitos, continuou a fortuna a incital-o a novas empresas, até que, em 1518, Carlos V, enviando contra elle forças consideraveis, o venceu. N'esta occasião tentou fugir, mas mataram-no.

— *Eu sou rei e tu és pirata!*

— *Mas que importa o nome se o officio é o mesmo? Dionidas rouba os navios, e Alexandre rouba os imperios. Se a sorte me fizesse Alexandre e a ti Dionidas, talvez que eu fôsse melhor principe do que tu fôras pirata.*

No anno 67 (A. C.) o senado romano viu-se obrigado a votar a lei *Gabinia*, que concedia a Pompeu o proconsulado dos mares. Com os recursos dados pelo senado e povo romano, em menos de 50 dias varreu os piratas do Mediterraneo que até ali lhes pertencera. Tambah importancia teve esta acção que ficou conhecida na Historia por *Guerra aos piratas*.

Havia um côro universal de queixas, vendo lesado o commercio, cortadas as communicações entre as nações e entre os navios que faziam guerra distante — uma quebra immensa de interesses.

Os navios mercantes de todas as nações viam-se na necessidade de metter a bordo gente e munições de guerra para se defenderem de tão terribes inimigos. Os grandes galeões portuguezes, que traziam as fabulosas riquezas das Indias, da Africa, etc., eram verdadeiros vasos de guerra, muitas vezes ainda combatados por outros especialmente destinados a isso — os *caça-piratas*.

Portugal, que no tempo de D. João II era o centro de todo o commercio maritimo, soffreu dos piratas grandes danos.

Constando na côrte de Lisboa que o famoso pirata João Bretão se dirigia de Castella para o sul com uma frota, escreveu-lhe a rainha-regente D.



1—Um navio caça-piratas (Caravela redonda)
2—O pirata «barba-roxa» por Velasquez

Tinham subido muito; tornava-se necessario inutilisa-los. E, já que pela força das armas era quasi impossivel, sel-o-hiam pela diplomacia, pela astucia, pelas boas maneiras. Com vinagre nunca se apanharam moscas.

As nações chamaram-nos a si, transigindo, fazendo-se amigas, tomando-os por auxiliares valiosos.

D'ahi a pouco eram empolgados.

Conquistando, pelas alianças, a moralidade da existencia até ali criminoso, tomaram o nome de *corsarios*, em virtude da licença, *carta de marca* ou de *córsa* concedida pelas nações.

Por essa carta se moralisava o roubo

os seus serviços a Selim I, sultão da Turquia. Este, reconhecido, pôz ao seu dispôr 2:000 janizaros, artilharia e dinheiro. Soliman II fê-o capitão-pachá, honra que o auctorisava a utilizar em seu proveito toda a marinha turca. Assim ajudado, fortificou Argel, apoderou-se de Bizerta e, mais tarde, de Tunis, que Carlos V, em 1535, lhe tirou.

Tomou d'assalto Castel-Nuovo em 1539, bateu André Doria no golpho d'Ambracia e os christãos em Candia. Morreu em Constantinopla em 1546, depois de se ter vingado de Carlos V, servindo Francisco I.

Os corsarios tomaram tal importancia que respondiam aos reis como reis, e ás vezes



Combate naval de Texel, por

João Bart, quadro de Bart

ao estrangeiro em tempo de paz, e o ataque ao inimigo da nação protectora, em tempo de guerra.

Piratas houve que, além de juntarem immensas fortunas, chegaram a ser grandes potentados a quem os soberanos das nações respeitavam e temiam. Aroudj Barba rôxa, foi, pode dizer-se, um pirata-rei.

Desde creança habituado ao perigo, em companhia de piratas, foi depois capitão de piratas de fama universal. Em 1516, destronou Selin-ibn-Temi, fazendo-se proclamar *dey* Khaif-Eddyn Barba-rôxa (irmão e successor de Aroudj Barba-rôxa); apenas proclamado *dey* d'Argel pelos restantes capitães, para consolidar a sua situação, offereceu

com mais arrogancia do que qualquer d'elles seria capaz.

As relações do corsario com os reis eram como de potencia para potencia. Subiram tanto que alguns gosaram de titulos nobilliarchicos.

Assim, o conde de Tourville era o corsario celebre do seculo XVII que perseguia os piratas berberescos (do norte d'Africa).

Quasi na mesma epoca enche os mares o nome e a audacia de João Bart. Filho de um pescador, depois de haver servido a Hollanda passou a servir a França contra aquella, na guerra de 1672. Luiz XIV, para recompensar os valiosos serviços por elle prestados chamou-o para os primeiros logares da marinha franceza, que pertenciam.

por direito tradicional, á aristocracia. Bloqueado um dia em Dunquerque por trinta e tantos navios inglezes e holandezes, conseguiu romper o bloqueio apenas com sete.

Por esta e outras façanhas, tornou-se o idolo dos marinheiros francezes. João Bart era para elles a personificação do esforço, da audacia, do valor do verdadeiro marinheiro. E só isto pode explicar a confiança com que elles o seguiam atravez de todos os perigos. Em recompensa de tanto brio e dedicação á França, Luiz XIV concedeu-lhe carta de nobreza, em 1694, «com o direito de usar a flôr de liz de ouro no seu braço», agraciando-o tambem com a cruz de S. Luiz.

viram que tinham n'elle uma intelligencia amiga da liberdade e do amor que esse destino lhe não podia dar.

Antes dos 17 annos percorria já os mares em navios armados em côrso, apresando embarcações aos inglezes.

Aos 21, depois de uma prolongada lucta com a esquadra do contra-almirante David Mitchel, teve de entregar-se aos inimigos.

N'uma prisão de Plymouth apaixonou-se por uma rapariga que era tão linda de cara como de coração.

Elle, valendo-se do amor que inspirára, saiu e voltou outra vez á França. Partira por este tempo o corsario Duclerc com uma esqua-



Bombardeamento d'Alger por

Duquesne, quadro de Biard

Forbin foi tambem um corsario celebre. Como todos os corsarios, começou por armar navios corsarios á sua custa, distinguindo-se em grandes proezas maritimas.

O Estado, reconhecendo-lhe o valor e admittindo-o na marinha official, tinha attingido dois fitos: evitar que fossem pilhados os navios mercantes nacionaes e utilizar-lhe a valentia contra os estrangeiros.

O seu nome incutia tal temor nos marinheiros de todas as nações que fazia correr de bocca em bocca o seguinte voto: «Deus queira que não encontremos o cavalheiro de Forbin.»

Sobre todas romanesca foi a vida de Duguay-Trouin. Tendo-o os paes destinado á vida ecclesiastica, cedo

dra para se apoderar do Rio de Janeiro, na occasião da saída dos galeões portuguezes. Depois de varias e infructiferas tentativas de desembarcar (como quaesquer *fibuleros*), conseguiram forçar as posições e entraram. Roubaram, mataram, e, quando iam atacar o governador Francisco de Moraes em sua casa, foram recebidos á porta por uma improvisada companhia de estudantes, que não só os repelliu como os chegou a envolver, obrigando-os a capitular.

Promettera-se a vida aos francezes, mas não se poudo evitar que a de Duclerc fosse tirada.

Chegada a França a noticia do desastre, protestou-se vingança. Duguay-Trouin, apresentando a idea de

nova expedição vingadora a alguns ricos negociantes, foi acceita, e approvada e largamente ajudada pelo governo francez.

Partiu com 742 boccas de fogo e 2;500 homens de desembarque. Depois de varia e porfiada lucta, os portuguezes abandonaram a cidade do Rio. O governador, ainda Francisco de Moraes, ajustou com Duguay a paga de 610:000 cruzados, 100 caixas de assucar e 200 bois, e doze officiaes portuguezes em reles. Em virtude d'este ajuste os francezes fizeram-se á vela.

Morria Duguay-Trouin em 1736, mas deixava n'um seu descendente os mesmos instintos de aventura que o tinham immortalisado a si. Era o corsario Surcouf.

De um genio muito irrequieto, aos treze annos obteve do pae licença para embarcar.

Andou pela India, Africa e outros paizes, pondo em cada acto a nota de vigor, ten cidade, audacia, que o haviam de pôr em destaque entre os marinheiros corsarios da sua epoca.

Tomado para a marinha official, continuou ainda a serie das suas proezas, merecendo que se lhe cha-

Portugal, que nunca se quiz sujeitar á ambição, embora servida pelo genio, soffreu de Surcouf prejuizos importantes em vidas e haveres.

Em 1807 apresou-nos levando-o para França, o navio *Nossa Senhora da Conceição e Santo Antonio*, vulgarmente conhecida por *Conceição Asia Feliz*.

Eram assim os piratas e corsarios.

Aquelles, vivendo independentemente da sua industria; estes, dependentes de qualquer nação que em troca de bons serviços os punha sob a protecção da lei. Mas tudo era roubar. A moral do tempo é que tinha a rigidez de chamar *ladões do mar* aos piratas, e a elasticidade de consentir os corsarios como *armas de guerra*.

Tentou-se, por varias vezes, extinguir o *córso*; mas, em tempo de guerra, o mais franco tem-se valido d'essa arma terrivel. E' este o argumento apresentado pelos Estados-Unidos, Hespanha e Mexico, contra a declaração de 16 de



Os piratas, por André Humbert

masse o *Corsario da Revolução Franceza*. Foi depois uma arma terrivel nas mãos de Napoleão. Na tentativa do *Bloqueio continental* contava-se com Surcouf como factor indispensavel.

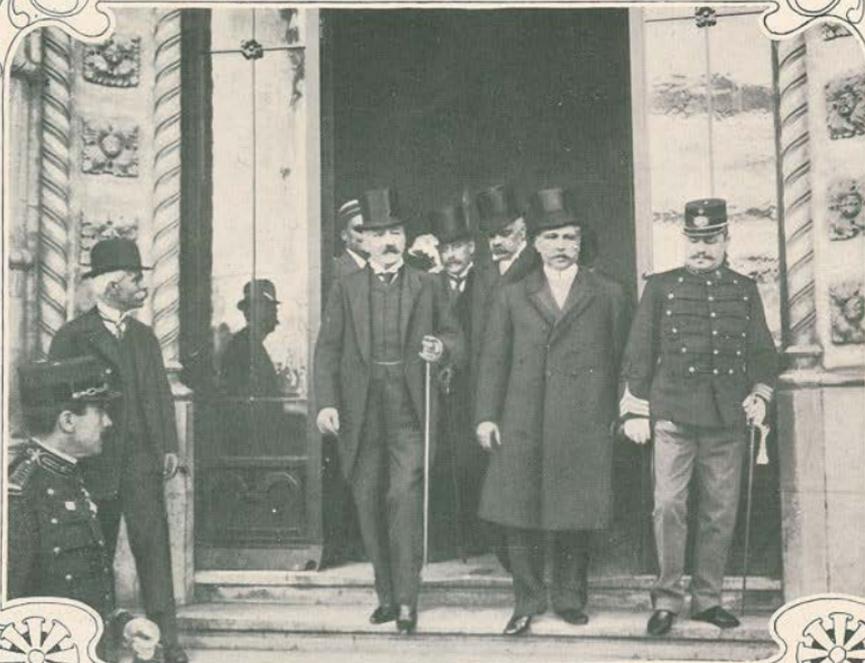
Todas as nações em guerra com a França conheciam e temiam tal inimigo.

abril de 1854, apesar de reconhecerem que os corsarios em ultima analyse eram piratas.

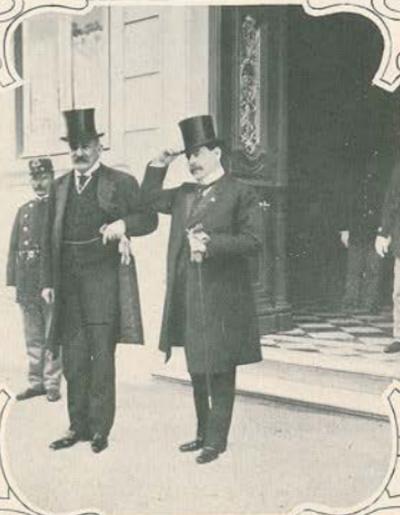
A abolição do *córso* é um principio reconhecido pelo direito maritimo a que falta a sancção d'aquelles paizes.

JOSÉ BOAVIDA PORTUGAL.

· O PRESIDENTE ELEITO DA REPUBLICA ·
· ARGENTINA EM LISBOA ·



O presidente eleito da republica Argentina sr. dr. Saenz Peña chegou a Lisboa em 2 de julho, tendo recebido na *gare* do Rocio os cumprimentos do delegado do chefe do Estado, do ministerio, representante da Argentina e outras pessoas, recolhendo depois á legação do seu paiz onde ficou hospedado. N'essa mesma noite assistiu ao banquete no paço das Necessidades, no qual se trocaram cordeaes saudações. Visitou no dia seguinte a rainha sr.^a D. Amelia em Cintra e á noite houve um banquete na



legação argentina onde estiveram o presidente do conselho e ministro dos estrangeiros, que responderam ao affectuoso brinde feito pelo futuro chefe da republica Argentina ao nosso paiz e no qual o exaltou, dizendo sentir bem a necessidade das mais estreitas relações entre os dois povos.

No dia 4 de julho sahio o sr. dr. Saenz Peña de Lisboa, devendo estar dentro em pouco em Berne, a convite do governo da Suissa.



- 1—O sr. Saenz Peña com o sr. conselheiro José d'Azevedo, ministro dos estrangeiros, sahindo da estação do Rocio
2—O sr. Saenz Peña com o sr. Garcia Sagastume, ministro da Argentina em Lisboa

(Clichés de Benoliel)

AS RENDAS DE VILLA DO CONDE



Uma rendeira

I
Essa Villa do Conde, pequena, de dias tristes e ruas quietas, é dos mais tranquilos lugares de Portugal, para umas sêstas de verão. Metade arredor, voltada ao campo e ao rio, e outra metade villa, abrindo para o oceano, Villa do Conde é uma especie de *terra promettida*, para noivos românticos, muito quieta e só, onde se encontra tudo quanto as redes do matrimonio impulsivamente desejam: campo, rio, cidade, mar, americano, missa, cigarros e correio geral.

A' missa, poucos povos provincianos ajoelham sobre pedras mais encantadoras. A matriz de Villa do Conde, com a sua portada manuelina e os seus vitraes illuminados e poeirentos, onde o sol pôde coar-se n'uma polychromia tépida e de flôres, evoca os arraiaes marujinhos da costa, as suas festas de orago e de piedade, e tambem as rezas de lagrimas que inflammaram de luzes e de fé os seus altares, antes que partissem as lanchas «de ajudas», que o municipio burguez mandava a Ceuta na empreza incerta do Infente.

Sobre o burgo claro e espraiaado, especie de mesquita moura entre o casario branco e sob o

ceu calido do Mediterraneo, a matriz manuelina ergue-se, morena do tempo, sobre um contraforte de serro, olhando em torno as aguas simples da sua ribeira, as pradarias verdes de Azurara, o modelo renascença do convento de Santa Clara, o pelourinho encarnado dos heroes do Mindelo, o aqueducto elegante das claristas, e chamendo a si, ante a ameaça das ondas, as moradias alegres da sua população interessante.



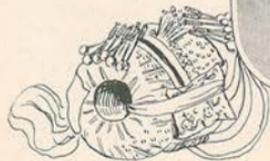
As feiras de Villa do Conde, com as feiras de louças em Barcellos e os mercados agricolas de Vianna do Cas-

tello, são as mais lindas feiras do norte do paiz.

Guardo d'esses mercados saudades immorredoiras, lindas impressões de typos, de usos



Trabalho mimoso



e de episodios, um cli-
ché cheio de cor e rui-
do, de imprevisto e de
ingenua originalidade,
que tarde, muito tarde,
poderei perder. Não se

esquecem as suas tendas de calca-
do, lençaria e meiotas, nem os ca-
bazes abundantes de fructos perfu-
mados, nem os balções ambulantes
de fusos de noqueira, com applica-
ções de metal, de rocas de canna
com estacas de cortiça, lavradas,
como rendas, sobre um palmo de
madeira, nem os seus largos lenços
estampados, pedrezes, igneos, ama-
rellos e azues, nem mesmo os lar-
gos cabazes de verga, próprios para carga de
pescado e pão, que parecem ter nas duas azas
marginas, abrindo em leque, o mesmo des-
enho d'um rabo de pescada azulado. E qualquer
d'esses objectos — novo, leve e original — to-
ma-se das mãos da «regateira», por aquelles
dez réis de mel coado do plebeismo camponio.

As quintas feiras de Villa do Conde, em
tempo de banho, são realmente
um quadro interessantissimo do
viver provinciano no Norte. As
maiatas pesadas, de largas tin-
tas de rosa na face luzi-
dia erguendo a saia ra
cintura, em retegos, com
a pressão da faixa de
trança, e pondo á mar-
gem do seu chapéu
de velludillo a
penna azul de
pavão, empluma-



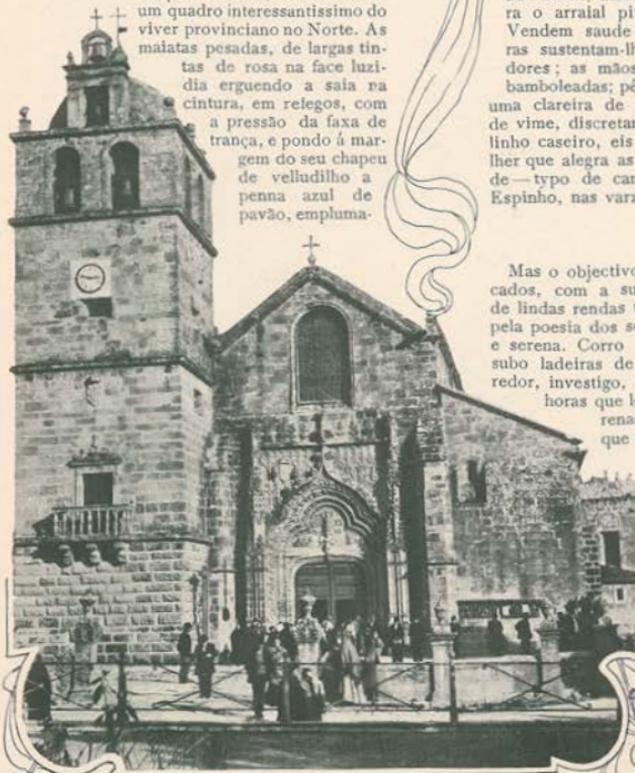
da e tão semelhante ao uso dos
caçadores da Irlanda, essas são
aquellas raparigas que trazem ao mer-
cado de Villa do Conde o linho da
terra, med do pelo seu covado de castanho, e as
fructas saborosas de beira-río, e são as mesmas,
ainda, que acarretam infatigavelmente para a
feira dos nove, e eu ha pouco vi, descalças e
adornadas, amanhecerem nas ruas do Porto para
o arraial pittoresco do *Senhor da Pedra*.
Vendem saude! Largas ancas moveis e seguras
sustentam-lhe o busto de fortes seios crea-
dores; as mãos trigueiras espadanam o vento,
bamboleadas; pés vermelhos, de perdiç, abrem
uma clareira de pó, na estrada; e com o cesto
de vime, discretamente coberto d'uma toalha
de linho caseiro, eis o typo meo e colorido da mul-
her que alegra as quintas feiras de Villa do Conde—
typo de camponeza de entre Fmalicão e
Espinho, nas varzeas casadas ao littoral.

II

Mas o objectivo d'este artigo não são os mer-
cados, com a sua cor de arraial, nem a matriz
de lindas rendas trigueiras, monumento animado
pela poesia dos seculos na sua belleza suggestiva
e serena. Corro as ruelas assoalhadas da villa,
subo ladeiras de calcetarias horriveis, olho em
redor, investigo, pergunto vejo. E são horas e
horas que levo a observar as rendeiras mo-
renas da tradição phenicia, *chinezas*
que se aninham em frente do seu *re-
galo* de chita e jogam nos
dedos delgados o *xadrez* dos
seus bilros polidos.

Horas e horas de obser-
vação. Aqui, ali, além—em
quasi todas as portadas—este
trabalho de caracter orien-
tal, consecutivo, miudo, cu-
rioso, descobre um typo de
rapariga, sereno, fazendo
exame de paciencia a braços
com a sua tarefa.

Não são as rendas
de Villa do Conde,
obra d'arte po-
pular, d'um
grande interes-
se artistico. A
decoração



1—Rendas do descaño 2—A igreja de Villa do Conde



Um trabalho attento

abyssantinada das rendas é o que menos exprime no estudo d'esse activo trabalho feminino, e é, mesmo, das artes menores tradicionaes, uma das de mais pequenino significado artistico no resultado quasi incolor do seu conjunto. Ha nas rendas, realmente, certa estylisação delicada, difficil de obrar e curiosa de ver. Mas estylisação de que? Qual a *côr* d'esse desenho ou seu caracter? A menos que estes motivos, ainda primitivos (que o não são), sejam o producto puro d'um uso ethnico de origem desconhecida, nada se vê nos desenhos rendeiros, abrindo expressão propria ou adaptada. O caracter das rendas, digamos, é branco como a propria *côr* do objecto.

Vêm-se, por vezes, illustrando a renda, a meio, certas *baguettes* enxadrezadas, que nos pôdem parecer uma influencia das decorações hispano-arabes; ou certos motivos, um coração, estylisando a margem inferior do tecido, com uma linha identica á dos lavores da filigrana da ourivesaria popular do Norte. Mas se as filigranas possuem um conjunto rico, produzindo a homogenia necessaria a toda a obra d'arte; se as decorações hispano-arabes pertencem a um definido corpo architectonico, independentes; que significado tem uma ornamentação que, entre innumeraveis motivos insignificativos, produz, de acaso, um só ornato ethnographicamente legivel?

Este é o *conto do vigario* das artes populares em Portugal; como esta, todas estão ou desorganizadas ou por educar. Todavia, cautela, com as educações e concertos. Cautela, se o tentarem fazer.



E, independente do seu alcance linear, não ha duvida que o fabrico popular das rendas é uma arte muito curiosa e exercitada com incontestavel delicadeza.

As colonias phenicias e normandas que no seculo IX, anterior á era christá, immigraram para o occidente e entre nós estacionaram, em primeiro lugar, nas barreiras maritimas de Peniche, Varzim e Villa do Conde, trouxeram-nos, como as utilidades tão excepcionaes da sua raça, este curioso e miudo afazer oriental. Raças conservadoras e tradicionalistas, quer na ourivesaria (que legaram), quer nos trabalhos maritimos e de rendas, ha um apego singular nos processos porque exercitam, ainda hoje, os

misteres da sua herança ancestral. O odio com que o poveiro olha os barcos hespanhoes, movidos a vapor, que estendem redes de *'arrasto'* na *costa*, ou a sua *indifferença* pelos *'navios'* de passageiros, enormes, que a distancia veem ou chegam, para Leixões,



Uma bonita rendeira





são intensas, não de inveja, mas de muita sympathia pela sua «casca de nós».

—A gente cá se arranja!...

Da rendeira—typo phenicio, ainda hoje caracterisado com segurança, de grandes olhos pretos, moreno e de rosto triangular—o mais curioso pormenor é o expediente raro dos seus dedos e a constancia e argucia da sua vista. Como se pôde ser tão agil e não errar no lavar d'esses embrexados de linha, miudos, é, realmente, de uma excepção a que especies faculdades ethnicas de modo nenhum podem ser estranhas.

Concluindo, direi: que em Villa do Conde, terra só, mas bonita, de grandes mercados e de encantadoras evocações, ha uma arte popular, curiosissima como processo fabril, mas cujos motivos ornamentaes só tem o secundario merito da sua minutuosidade.

ALFREDO GUIMARÃES.

d'uma localidade.

Afamadas as rendas de Villa do Conde, postas ao mercado, sem os pomposos reclamos das rendas estrangeiras, são procuradas pelo seu valor. Hoje que a machina tudo industrialisou, mesmo as cousas mais delicadas, já ha tambem rendas feitas por esse processo, arranjadas rapidamente, lançadas por baixos preços nos mercados, tendo, como se comprehende, um valor menor que as trabalhadas á mão, feitas com uma paciencia d'aranha no labor da sua teia. O grande merecimento das rendas portuguezas desde as que D. Maria Amalia Bordallo Pinheiro trabalha até ás de Villa do Conde está em serem feitas, na sua grande arte ou na sua simplicidade, pelas rendeiras que com as suas agulhas as fabricam, excluindo os processos modernos. D'ahi toda a beleza e todo o mimo d'essas rendas cuja descrição se faz no artigo.

Sentadas nas soleiras, graves e attentas, as



1—As rendeiras trabalhando na soleira 2—Panorama de Villa do Conde

N. da R.

A *Illustração Portuguesa* publicando o artigo sobre as rendas de Villa do Conde corresponde ao seu programma de revelar os trabalhos nacionaes, os labores do povo por todo o paiz, as industrias grandes e pequenas que são por vezes as fontes unicas da riqueza

bonitas rendeiras de Villa do Conde fazem os seus trabalhos, deixando talvez voar para longe a imaginação enquanto os dedos agilmente se movem e ao mesmo tempo, ellas, tão simples, fazem do seu mister uma fonte de receita das mais proveitosas para a sua linda terra.



GYMNASTICA DOMESTICA

A gymnastica é universalmente reconhecida como um meio de fortificar e desenvolver. Como nem toda a gente tem bastante tempo para se dedicar a esses exercicios, que tanto contribuem para a boa regularisação da saude, é necessario procurar dentro das proprias tarefas que se executam, no labor diario, o meio de os fazer.

As donas de casa tem ao seu alcance a melhor das fórmas. Basta fazerem com certo methodo alguns trabalhos domesticos. Por exemplo, ao dobrarem os cobertores, ao fazerem a cama, ao limparem da poeira os objectos collocados no alto, ao varrerem a casa, contribuem para o bom funcionamento dos pulmões, para o desenvolvimento muscular e para tantas outras boas cousas salutaes que tem, como se sabe, uma grande influencia no aspecto physico na belleza. Dirão que são pouco elegantes, os exercicios, duplamente uteis, que são banaes; no emtanto dão magnificos resultados e nenhum movimento d'uma linda mulher tem essa falta de graça que procuram attribuir aos feitos nos trabalhos domesticos.

A mulher desde que se capacite das grandes vantagens tiradas do methodo da vida diaria, da influencia d'ella no seu aspecto, não deixaria de a fazer, com que tem a ganhar a sua saude e o seu lar.



1.—Dobrando os cobertores da cama, os pulmões distendem-se...
2.—Um exercicio eminentemente salutar á elasticidade dos musculos...
(Cliches Delius)

GAND À LUZ DO DIA

Gand, outr'ora capital do condado de Flandres, é uma importante cidade industrial e commercial situada na confluencia do Escalda com o Lys. O seu territorio, relativamente vasto, é formado por umas 13 ilhas comprehendidas entre as ramificações dos cursos d'agua d'aquelles rios e bem assim de numerosos canaes como, por exemplo, o Lièvre e Moere. Ha cerca de vinte annos Gand conta ainda 138

portos; porém, esse numero foi decrescendo depois que os trabalhos de saneamento e a construcção de estradas fizeram desaparecer certos braços de canaes e algumas ribeiras inúteis.

O ultimo censo attribue-lhe uma população de 165.000 habitantes, numeros redondos. As suas tradições confessam-nos a aspiração de liberdade que animou a população de Gand na época do seu maior esplendor, da sua emancipação. A historia mostra nos a enérgica cidade quasi sempre em guerra aberta com os condes ou com os reis. Para amortecer o orgulho da vigorosa cidade foi preciso Carlos V movimentar as suas forças marciaes e construir uma fortaleza—o Castello dos hespanhoes,—d'onde a guarnição dominava a cidade.

A principal industria de Gand é a algodoeira, importada da Inglaterra por Liéven Bauwens, que empregagrande parte da sua população.



E' incontestavel que o commercio e a industria d'esta cidade estão

excellentemente favorecidos pela situação que lhes rende a confluencia dos dois rios supra-referidos. Além d'isso, está em communicação aberta com o oceano em virtude do canal de Terneuzen.

A cidade manifesta um aspecto muito variado na construcção dos seus edificios e na disposição e largura das suas ruas. O visitante compenetrase logo de que está no seio d'uma cidade antiga, materialmente falanda, e divorciada pos novos systemas de embelezamento. Os seus edificios historicos, d'um estylo monotono, fastidioso, áparte a sua côr pouco recommendavel, compõe-se de dois edificios de estylo diferente: o antigo, em estylo ogival florido, foi iniciado em 1481 e



1—Vista panoramica de Gand
2—O theatro flamengo

continuado em 1527; a nova fachada, construída de 1600 a 1618 em gosto italiano, tem tres andares que representam as tres ordens architectonicas: doric, jonica e corinthia. Se a construcção d'esse edificio não fosse interrompida como foi, de facto, em virtude das luctas religiosas do seculo XVI, seria hoje um incontestavel modelo do estylo gothico.

O Palacio da Justiça, situado na margem do Escalda, é considerado como um dos mais bellos edificios modernos da Belgica. Construído pelo anno de 1843 sob a direcção do Roelandt, o mesmo que planeou o edificio da Universidade, o seu aspecto exterior agrada, sem duvida, ao *touriste*. «O seu estylo da architectura, — escreve algures Pays referindo-se ao Palacio da Justiça de Gand, — affecta um caracter de força exagerado. Parece ter sido inspirado ao architecto pelo desejo de imitar a fórma de San-Gallo no palacio Farnèse, de Roma.»

A cathedral de S. Bavon é, no genero, um edificio tão interessante como antigo. A crypta que actualmente existe sobre o côro foi construída no seculo X e reconstruída em 1228. A torre, erigida, se a nota me não mente, em 1534, tem perto de 91 metros de altura.

Vooruit, palavra flamenga que



deve traduzir-se por *A'ante*, é uma importante sociedade cooperativa socialista. Fundada em 1873 sob a denominação de *Francs Boulangers*, tomou mais tarde, em 1880, o nome que actualmente possui, declarando-se abertamente «socialista». O punhado de 150 homens que n'essa epoca compunha a sociedade multiplicou-se successivamente, chegando hoje a constituir um exercito de 8:000 familias.

Possue esta eminente cooperativa 31 succursaes em Gand, isto é, o conjunto das suas padarias, deposito de carvão, imprensa, mercearias, confecções, uma fabrica de feição, cafés e salas de reuniões e festas, officina de metalurgia, sete pharmacias, etc.

As vantagens concedidas por esta sociedade aos seus associados são numerosas. Sustenta um jornal quotidiano impresso em flamengo, que usa o mesmo nome da cooperativa. A sua historia daria um volume, e a leitura d'esse volume ensinaria ao nosso operariado quanto vale a perseverança, a força de vontade e, mormente o amor d'uma causa. O *Vooruit* tem como administrador geral Eduardo Anseele, um grande caudilho socialista e figura saliente do parlamento belga.

A sede social d'esta cooperativa é na grande praça conhecida por «Marché du Vendredi», o local escolhido pelo povo para



1—A Camara Municipal 2—A cathedral de S. Bavon

as suas revoltas, e onde se encontra a estatua de Jacques Van Artevelde, tribuno popular e governador geral de Flandres, nascido em Gand em 1290 e n'essa mesma cidade assassinado em 17 de julho de 1345.

As successivas desordens que ensanguentaram as ruas de Gand nos seculos XIII e XIV fizeram com que apparecesse um homem, Jacques Van Artevelde, decidido a apaziguar o espirito subversivo dos seus concidadãos, assumindo o governo da cidade durante sete annos. E todavia, apesar de se haver consagrado á grandeza da sua terra natal, segundo escriptores da sua epoca, isso não impediu que as perseguições e os odios contra elle levantados impelisssem o povo a massacral-o em 1345, no momento d'uma sublevação.



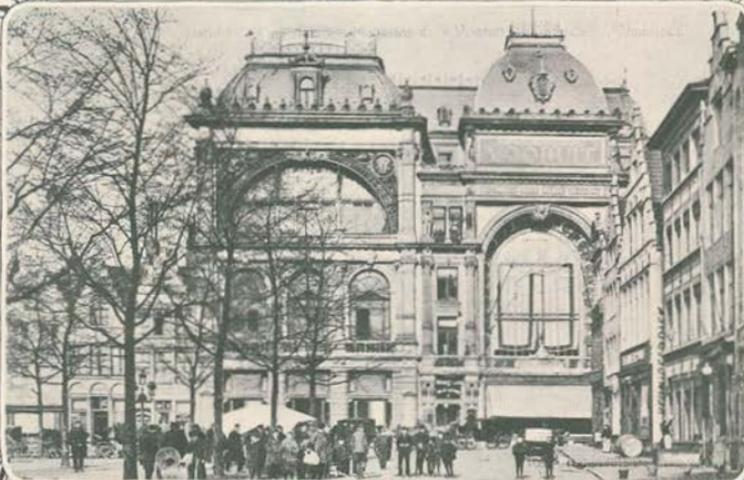
nascer Carlos V, rei de Hespanha, e a patria por excellencia dos mestres horticultores, perpetuou pelo bronze a memoria do conde Oswald de Kerchove, apreciado botanico e presidente da Associação Horticola. Esse monumento foi levantado em frente da fachada principal da Gare do Sul, o bairro mais moderno e mais desafogado da cidade.

Admirado do alto da avenida, o aspecto da gare, do monumento e da jardinagem do local é encantador, quando animado pelo sol.

Tambem não deixa de ser pittoresco, pela sua originalidade, o interior da Gare do Sul.

Amplio e todo coberto de vidro, e ainda com o seu longo jardim cheio de delicadas plantas, dá-nos a impressão de uma grande estufa. A claridade penetra ali abundantemente e o asseio do logar é cuidado com esmero.

O parque de Gand é, como



1—A navegação 2—O «Vornu»

3—O trabalho

A cidade, porém, desejando render-lhe homenagem e coroar as diligencias d'uns vinte historiadores, que ha um seculo vinham operando a reabilitação de Artevelde, erigiu-lhe a 13 de setembro de 1863 no famoso «Marché» uma estatua.

O Grande-Canhão que se encontra nas proximidades da praça «Marché du Vendredis», é denominado pela população *Dulle Griette*. Esta gigantesca peça de artilharia, que o visitante depára atravessada no passeio sobre tres descansos de grosso ferro, foi fundida na epoca dos duques de Borgonha. Mede cinco metros de comprimento, tres de circunferencia e pesa 15:120 kilos, approximadamente. O seu diametro interior mede 65 centimetros.



todos os outros, o local preferido durante o estio para dissipar as fadigas que o calor do lar, da rua ou da praça nos excita. As sombras dos álamos ou dos platanos; o aroma mesclado e quasi divino das diversas plantas e flores; o mysterio occulto que se vislumbra em todo aquelle harmonico e veneravel conjunto de que só a Natureza é capaz, idealisa o pensador ou o artista, torna-o volátil, fal-o sonhar, convide-o a amar... Os jardins ou os parques são, nos dias quentes, uns pseudo-paraisos sem fructo, onde os jovens amantes vão procurar, quiçá, a sua bemaventurança.

Ao subir pela avenida principal deparei com uma gentil creatura dos seus vinte annos, se tanto. Desfolhando um malmequer branco, passeava como que esperando alguem. Volto a olhar para uma

Gand, a cidade que em 1500 viu



O muzeu de Belas Artes

porta lateral e vejo approximar-se o pombo que a sauda e, curvando-se um pouco, lhe depõe um beijo em cada face. Romeu passa o braço pela cintura de Julietta e ambos se dirigem para a gruta, ainda secca, transmitindo reciprocamente os ethereos segredos d'amôr que a solidão do logar e o silencio sepulchral da agua estagnada do parque guardarão discretamente.

Paris, Maio de 1910.

DIAS DA SILVA.

N. da R.

A cidade de Gand é uma das mais importantes da Belgica, não só pela sua si-

tução commercial, mas pelos seus aspectos e pelo movimento modernista que está realisando.

Grande pelas tradições democraticas, que a levaram a deixar-se governar sete annos por um dos seus burguezes, conserva a belleza d'esse passado e continúa na sua marcha de progresso de que são uma bem viva nota as suas cooperativas tornadas forças dignas de respeito. As impressões de Gand que ficam detalhadas no artigo mostram claramente o que pôde o esforço e a tenacidade de um povo para a sua prosperidade, exemplos bem dignos de serem seguidos.



O palácio de Justiça

SPORTS DE LUXO

• O DIA DOS DRAGGS EM AUTEUIL



O dia dos *drags* nas corridas d'Auteuil é aquelle em que sabem para o campo todos os *mail coaches* de Paris guiados pelos seus donos, causando um ruído ensurdecedor, acordando a paz dos caminhos com o som folgazão das trompas de caça.

Este anno, como nos outros, lá foram os *mail-coachs*, apesar da chuva impertinente que cahiu e

fez patinhar na lama as mais lindas mulheres de Paris, as quaes se tornava difficil fugir em virtude da moda lhes ter imposto uns vestidos de tal fórma apertados em cima e em baixo, difficultando-lhes tanto os passos que o espirito parisiense já os chris-mou de *vestidos travadinhos*.



1—A chegada a Auteuil 2—A elegancia parisiense patinando na lama
(Clichés World's Graphic-Press)

PHYSIONOMIA DO ACTOR

Algo de muito simples vos quero eu referir, ainda que ao de leve, no tocante á minha arte. E vem a ser, excluido o caracter scientifico do assumpto, — um quasi nada de observação sobre a mascara humana:

Ora haveis de pôr-vos á face de um espelho e, de seguida, examinar os vossos melhores retratos. Comparando as imagens do crystal com as dos clichés, podereis dizer-me—se as photographias vos reproduzem taes quaes sois.

A'certa que dão exacta a lórma, a propria linha typica do semblante; mas... que falta de illusão! em todas ellas transparece um não sei quê de natureza morta. Attentae bem e vereis sempre coisa muito semelhante ao olhar parado, á bocca que tentou sorrir e que mal se entre-abre, collaborando com as rugas naso-labiaes, apenas esboçadas, no vago de certa expressão de imbecillidade, prestes a dominar a face completamente (1):

Não será isto?

E' que não ha poses na vida. Pelo que respeita á physionomia, reduz-se tudo a uma continuidade quasi imperceptivel no movimento muscular, que altera a modelação facial e lhe imprime caracter. Os modelados expressivos não se sobrepõem, em absoluto, destacaveis. Será mesmo impossivel dizer, com precisão, onde começa este ou onde termina aquelle. Evolucionam, uns após outros, transfigurando a physionomia ininterruptamente, por um systema multiforme de linhas e planos resoluveis.

Mas elle ha quem pretenda que a expressão é uma pose: como se pudessem parala, e ella não fôra o proprio movimento!

D'esta feita, retrucando á duvida, formulareis ainda: — E as vossas expressões? Pois não as deu a photographia!

E eu sempre na minha: — Olha a façanha, se ella dá tudo! Reparae, todavia, que isto não são propriamente expressões: *schemas musculares expressivos*, isso sim que é o apresentado aqui; momentos syntheticos do sentimento, que eu componho sob influencia theoretica ou de observação, annullando-lhes, já se vê, o natural movimento que á machina seria de todo impossivel colher.

Esta é a verdade.

Agora que vos terei um pouco já por mim, de uma outra coisa falarei eu, que, por semelhante áquella em mais de um ponto evidente, vos ha de parecer a mesma: De facto,



O Terror, mascara do actor Eduardo de Freitas, pelo esculptor Francisco Franco

talmente a *expressão photographica* é a resultante de um processo de automatismo chimico, em que não influe a intelligencia; assim, a *expressão do actor mediocre* se deriva de um movimento mechanico, sem estimulo nenhum intellectivo. Vê-se isto onde quer que exista um d'esses taes, personificação grotesca do professionalismo. A sua mimica será, quando muito, um rudimento ex-



1—Expressão photographica exaggerada

2—Uma das taes...

3—Riso alvar

pressivo, figuração aviltante do sentimento humano, sem vislumbre de graça ou do vincado brutal. E' a careta idiota (2).

A physionomia! Que sabe elle d'isso?

Pois serve ella para o mais que não seja cobrir-se de uma pastosa emada de tom-geral, sobre que depois assentam melhor a terra-de-scena, o carmin e o negro! Que haverá que mostrar n'ella, além dos pés-de-gallinha do *vegete*: a ruga do nariz-à-bocca e o fronzido da testa a desenharem o *centro*; o rosadinho das faces e dos labios e o rasgado dos olhos que destacam o *galá!*...

A cara do actor mediocre! Se ha tanto tempo que elle a traz n'esse amanho, sem que hajam de censural-o os auctores, os criticos ou o publico! Natural descendente da velha mascara romana, ella é ainda um estigma do mais risivel effeito a attestar a origem bacchiciz do theatro. Mas onde me



pratico, a importancia do movimento facial como caracter denunciativo do *sujeito*.

No riso-alvar (3) é, sobretudo, evidente o deslocamento, em sentido opposto, das regiões inferior e superior da face. O abaixamento da queixada e consequente contração dos musculos do pescoço, que ás vezes dá na paralyisia, é o indicador propriamente expressivo. Tem, pois, n'este caso, um valor de mero desenho.

Não já assim a elevação da parte nobre do semblante. Esse movimento está só por si indicando o *homem*. Dá-se como que a ausencia do entendimento n'essa extravagante modelação, que parece articular bem nitida a originaria interrogação do espirito á face da natureza. De resto, supprimida imaginativamente a idéa do riso, se fixarmos a attenção sobre todos os traços, procurando-lhes o amago evidenciador, descobriremos no suggestivo da ignorancia a característica inconfundivel do *typo*.



levaria esta dobra do assumpto!... Ora pois:

Interprete do homem, ainda na sua mais elevada manifestação social, não pôde o actor prescindir da physionomia. Deve mesmo bastar-lhe o mecanismo expressivo da mascara para impôr o seu *typo*. Que não é a *situação*, mero effeito de conjuncto, que ha de merecer o destaque imperativo. Será sempre o *homem*, em todos os logares e momentos, que elle artista terá de viver. no sentido lato do termo que comporta toda a nobreza como toda a abjeção: Onde sorri a creatura delicada, elevando apenas as commisuras labiaes; surge o riso escancarado e ruidoso da vulgaridade; e pôde, sem duvida, sentir-se o impressivo vibratil da gargalhada alvar, eloquente até á suffocação. E vejamos já, sob o ponto de vista

Esta é, sem duvida, uma das mais preciosas faculdades da expressão; e cuja singularidade tem já valorisado a muito comediante uma ou outra criação mais arrojada: (Recordo n'este momento, com saudade, essa esplendida mascara do Othello de Novelli!)

Vem para já o desenvolver outro ponto de não menos recorte, e que intimamente se relaciona com o problema controverso dos dotes naturais. E ha que pôl-o aqui, á mingua de espaço, nos minimos dizeres:

D'est'arte notarei, apenas, e será o bastante, que a face humana comprehende desde o *typo* quasi inexpressivo até ao da mais vinculada expressão; obliquando retrocedente no expressivo-contradictorio, e assignalando-se como mais perfeito o expressivo de caracter. Por onde ajusto que—têndo de os reproduzir a todos, dan-



4—Attensão interrogativa 5—Sorriso intencional 6—Estupefacção 7—Altivez 8—Furoz

do a cada o diferencial respectivo, e isto n'um plano visual distante, a do artista não pode ser uma physionomia qualquer. Pretendo eu significar que na face do comediante, a vida emocional deve ter relevo, subtilidade de desenho, exposição flagrante.

Não representa isto uma mera exigencia de requinte expressivo; mas, naturalmente, a imperiosa necessidade de situar o actor moderno muito ao-de-cima da vulgaridade e do processo artistico usado pelo velho bufão.

Bem sei eu o que de aturado esforço consome esse indeclinavel dever! Todavia, se não é facil obter a mobilidade physiologica, que pode, só por si, impôr um artista; tambem, não é de todo impossivel. Demais há sempre a correspondente compensação.

Que prodigioso recurso de traço, de cor e de movimento o da mimica, na arte de representar! Não se imagina o alcance de effeito suggestivo sobre a multidão, attenta a esse espelho impressivo da vida intima da personagem! E o imprevisito d'esse exquisito desenrolar de idéas, sentimentos e paixões!

Será agora o simples movimento ponderador da attenção interrogativa (4), onde como que perpassa uma sombra de duvida no aspecto discordante dos sobr'olhos.

Logo o sorriso intencional (5), todo finura e malicia, a insinuar cortexo muito ao-de-leve o quer que seja de gentilmente perverso.

Depois o doloroso do estupefacto (6), na ligeira contracção do frontal, realçando o lume dos olhos surprezos, e no relaxamento dos musculos elevadores da queixada, que dá o encançar violento da bocca.

Aqui um assomo de caracter (7), no levantar seu tanto a cabeça; os labios cerrados, n'um apertar de vontade, a vista sobranceira affirmando energica o sentimento de dignidade.

Alli, exgottados os limites da paciencia, um forte impulso da cohera (8); o olhar fuzilando, o labio inferior arregaçado, os dentes avançando no desejo instinctivo de morder.

Acolá, finalmente, uma impressão de dor moral (9); levemente inclinada a cabeça, o labio superior como que dizendo—eu soffro, nos olhos uma supplica para a magoa que o só



movimento da fronte, bem visivel, caracterisa. E' uma expressão de intenso soffrimto, toda espirital, marcada com sinceridade.

O semblante do homem é o grande tablado da vida; n'elle se apresenta a farça como a tragedia. Logo ha de o comediante, no barro vivo da sua mascara, modelar, como por encanto, todas as fazes expressivas da commoção; sem attenuar lhes o movimento, antes gravan do bem todo o conjunto mimico, contrastando ora de surpresa ora gradual, sempre em luz as nuances, operando attento e sincero. E não vá tolhel o a natural difficuldade, que o conceber é tudo. Onde não pode a razão, ha que pôr de banda o artificio. Posto que, á moderna, não deva nunca utilizar-se a sensibilidade, eu tenho a como indispensavel. E ahí vai a razão:

Quando tentei a *frio* a expressão do *terror*, aconteceu-me rir, rir muito pelo grotesco d'*aquillo*, a que eu não conseguia dar o toque de vigor e intensidade. Desanimado, não insisti. Mas, após algum tempo, recomeci diversamente orientado; isto é, pondo em jogo os meus nervos. Foi a modo que um milagre: Merré do meu temperamento e de um pouco de suggestão, havia dado não em fixar artificialmente mas em sentir a verdadeira commoção. Depois de tal prova entendi não mais fiar-me de theorismos, quanto á realisação a frio, e de futuro nortear-me pelo indicador dos resultados experimentaes. Para confrontar ahí vos deixo a *tortura*, imitação da obtida por Duchenne com a galvanisação local, e esse magnifico *Terror* de F. Franco, concebido ante a minha expressão.

Agora, para rematar, dizer-vos-hei do *odio*, expressão que não vi ainda em nenhum trabalho da especialidade. Singularmente expressiva, logrei eu adivinhal-a sobre outros artificiosos movimentos. Ella marca bem um temperamento no pronunciamento do *masseter* e no modelado caracteristico do mento. Odio velho, elle faz-se annunciar, vomitando todo o fel de uma praga cruenta, em que é forçoso cerrar os dentes, não venha o coração á bocca na gana de tanto a desejar.

EDUARDO DE FREITAS.

INDUSTRIAS PORTUGUEASAS

A SARDINHA DE CONSERVA DE SETUBAL

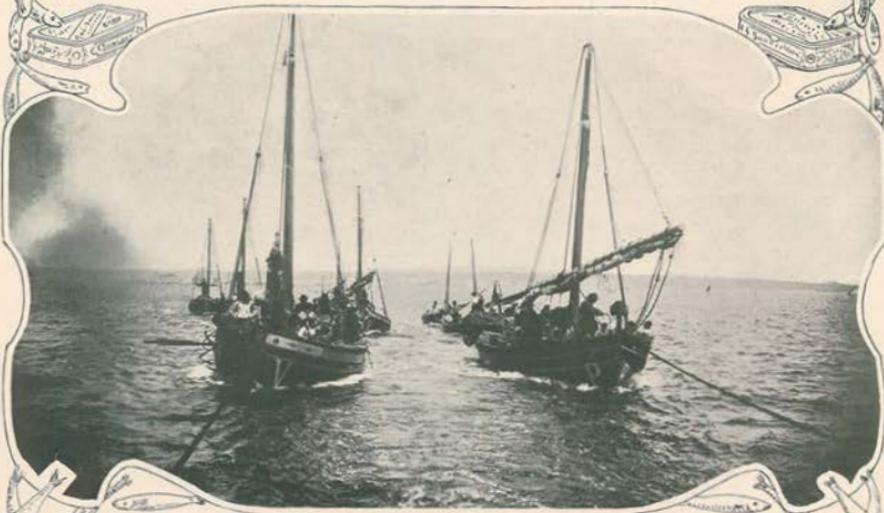


Pouca é a gente, que, quando se fala em Setubal, não unifique todos os conhecimentos que possui da patria da Todi e do Borage, na phrase, já com visos de hereditariedade: — é a terra da laranja e onde se comem os bons salmonetes. — Nada mais. — Das suas verdadeiras condições de vida, da base onde gira o seu commercio, a razão

que tem valorizado, ali, a propriedade, o alicerce, enfim, da sua existencia, raros o sabem.

Esse alicerce é uma unica entidade: A sardinha.

Se bem que, para outras terras do paiz, mais principalmente na costa do Algarve, a industria das conservas de peixe constitua



1—O porto de Setubal e as fabricas de conservas da estrada da Rascá
2—Os buques com as suas companhias a caminho da pesca

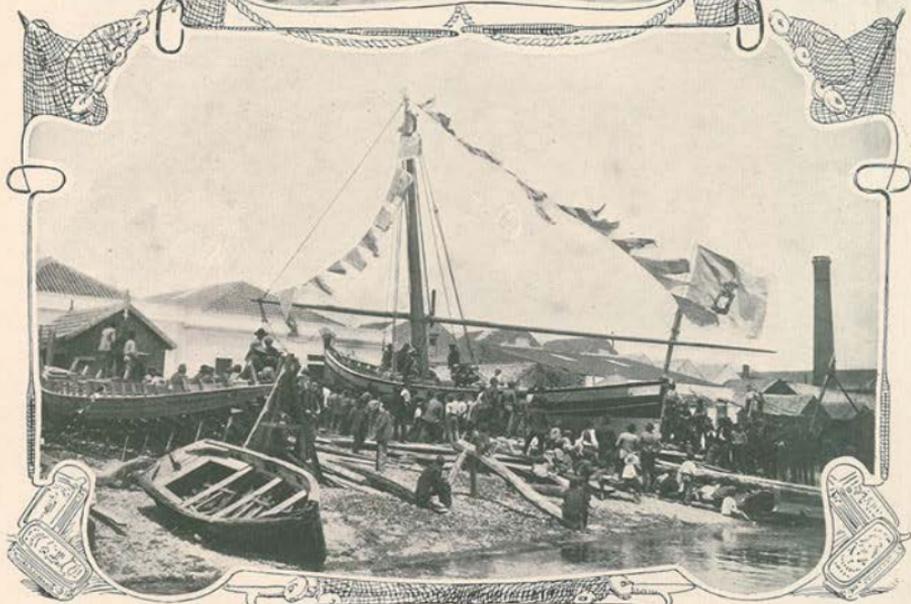
uma riqueza, em Setubal é Soberana.

Tudo, lá, vive da sardinha. — Os seus risos e as suas maguas estão suspensas d'essa personalidade. Dois terços da população são seus leaes servidores. Em Setubal existe uma só preocupação, uma ideia dominante, é o sonho, o peza-



portantes, a maior parte, — outros mais modestos, de propriedade de simples soldados que se agrupam, formando pequenas sociedades.

A exploração d'esta industria encontrou seu maior desenvolvimento nas mãos de francezes, que, attenta a escassez da sardinha,



dello, a esperança, traduzida na constante phrase, que rola de bocca em bocca, sempre a mesma: — *Veiu sardinha? — Virá sardinha?*

Sua Excellência é tudo.

As fabricas de conservas de peixe, ali, são profusas. Em actual laboração existem quarenta e sete, marginando a bahia do Sado, desde Villa Maria á Saude, contando-se a par de estabelecimentos im-



quasi desaparecimento, no littoral da França, foram obrigados a procurar em terra extranha, a applicação dos seus capitães. D'essas fabricas, laborando em maior ou menor escala, vivem milhares de pessoas; algumas ha onde se empregam trezentas e mais, pessoal de todas as categorias. Com ligeiras oscillações, a industria tem progredido sempre; no anno findo o valor da exporta-

1—Canôas de sardinha descarregando para uma fabrica 2 — Lançamento ao Sado de um galeão de pesca 3—Fervendo o Coultas para embrear as rédes



ção das conservas atingiu, em números redondos, — 908:1265000, — sendo seus maiores consumidores os mercados ingleses, belgas e italianos. — Nos últimos tempos, a fabrica que mais produz, e, sem reservas, é a do sr. V. Firmin Jullien.

Apezar do seu prosaísmo, o fabrico das conservas de peixe não deixa de merecer certo interesse. A pobre sardinha, a alma de tudo aquillo, sofre verdadeiros tratos.

O peixe, trazido das lotas, em canastrões ou ceiras, mal chega á fabrica, é entregue a mulheres—quasi no todo raparigada, muitas d'ellas varinas—as quaes procedem á *escorcha*,

descabeçamento e estripação, operação esta feita em largas mezas zincadas; de seguida é levado para a *moira*. Findo o tempo para a salgação, o peixe é posto na secca, precedendo a lavagem em tanques ou por agulheta. — A *seccagem*, que é feita em grêllas apropriadas, tem lugar geralmente ao sol; no entanto, attendendo ao

tempo, a dessecção muita vez executa-se debaixo de alpendres, ou ainda por meio de correntes de ar frio. Convenientemente secco, o peixe é, segundo as circumstancias do fabrico, cozido pela acção do vapor de agua ou frito em azei-



1—A praia das Fontainhas, arsenal de pescadores 2—Chegada á lota d'uma barca de sardinha 3—Levantando um chinchorro na praia de Troia

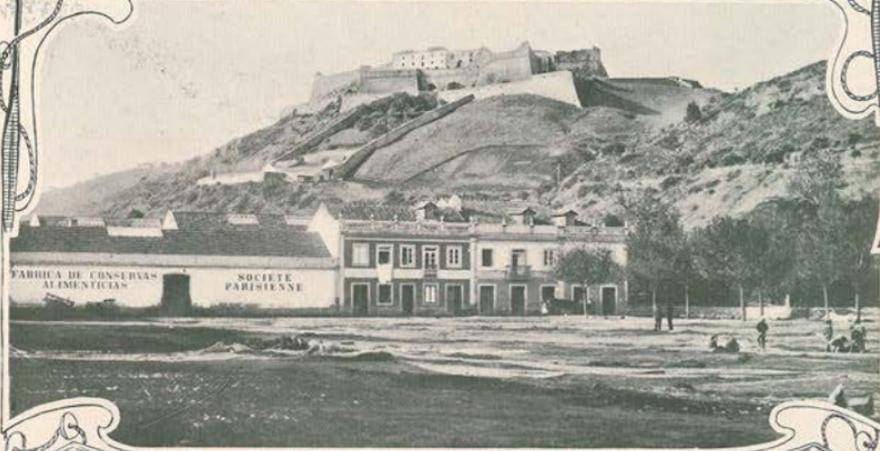


O cerco S. J se prompto a fazer-se ao mar: O galeão, o barco da água, os cinco buques e uma argolla

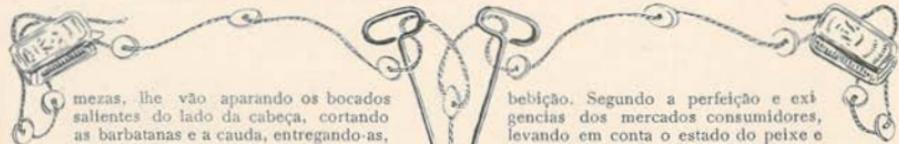
te, sendo este o processo escolhido para a boa fabricação. A fritura effectua-se em caldeiras aquecidas a fogo central, usando algumas fabricas *bassines*, divididas em duas secções, uma inferior, contendo agua que é aquecida pelo vapor que circula, em tubos, no interior da *bassine*, outra superior, tendo azeite, cujo aquecimento se faz por intermedio da agua. A fritura assim é obtida com uma perfeita regularidade, e

tem a vantagem de ir separando as sujidades e as escamas largadas pelo peixe, que do azeite descem á parte inferior da *bassine*. Por este modo o fabrico é o mais excellente.

Findo este trato, sem duvida o mais principal e que a maior numero de cuidados attende o preparado das conservas, vae a sardinha, de novo, ser posta ao cuidado de operarias, que, sentadas ao longo de compridas



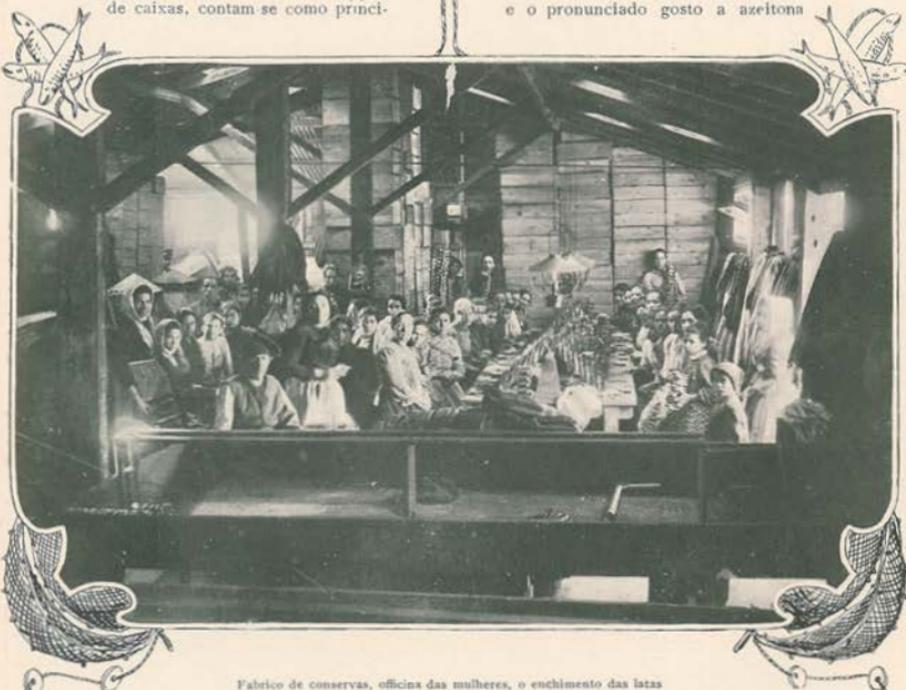
Uma fabrica de conservas de peixe em Setubal



mezas, lhe vão aparando os bocados salientes do lado da cabeça, cortando as barbatanas e a cauda, entregando-as, por sua vez, ás companheiras, suas *vis-à-vis*, a quem cumpre o enchimento das latas. Este serviço é todo realizado com uma pericia e ligeireza prodigiosas, dignas de reparo, e a faina do amanho sempre animada pelas cantigas populares mais na voga, entoadas por todas as vozes, entre risos, com salpicos de ironias na natural viveza dos dezolito annos, alegres, de tanta mulher.

É a cantar se vão enchendo as latas. Entre a innumera diversidade dos tipos de caixas, contam-se como princi-

bebição. Segundo a perfeição e exigencias dos mercados consumidores, levando em conta o estado do peixe e a epocha do anno em que fór colhido, assim a natureza e qualidade do oleo empregado. Durante largos annos, por imposição dos mercados, no amanho das conservas entrava, em exclusivo, o azeite estrangeiro, mas tendo-se obtido indubitaveis progressos na oleicultura portugueza, o azeite nacional principiou a tomar papel de mais destaque. E, muito embora, hoje, não apresente ainda o conjunto de condições precisas para ser utilizado em absoluto, vista a sua falta de fluidez e o pronunciado gosto a azeitona

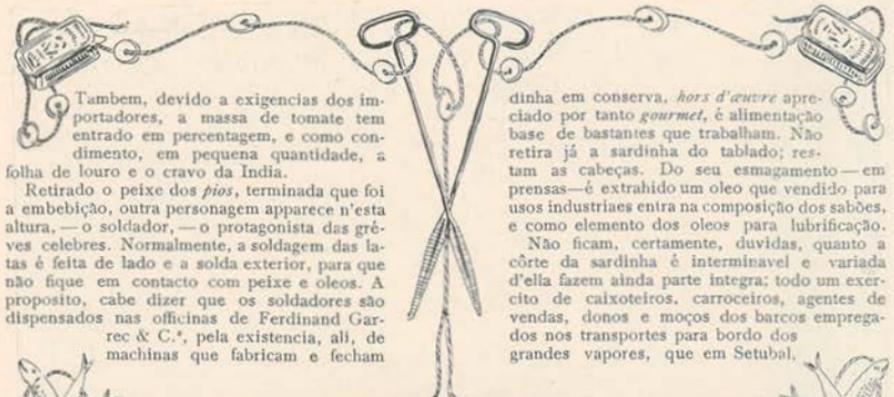


Fabrico de conservas, officina das mulheres, o enchimento das latas

paes variedades as conhecidas no vulgar por: *quarto club*, *quarto americano*, *quarto reduzido*, *meia baixa* e *meia alta*, e ainda de *charuto*, nome recebido pela razão da sua fórma e tamanho. Ha tambem as de *relogio*, designação caracterisada pelo processo empregado para se abrirem.

A sardinha espera, agora, nova cerimonia, é o *banho de oleo*. Para elle se dispõem as latas, no geral, em tanques chamados *pios*, e cobrem-se de azeite, conservando-se n'elles, enquanto o nivel do oleo, nos *pios*, vae descendo, até ser completa a em-

que manifesta, entra na quasi totalidade dos fabricos, lotado com os azeites estrangeiros, — he panhol e francez, — sobre os quaes gosa a vantagem de possuir menor acidez. Actualmente, no fabrico mediocre, estão lotando os azeites com o oleo de mendobi, introduzido em vasta abundancia por todos os fabricantes, com excepção do *Etalblissement F. Delory*, a mais antiga fabrica de Setubal, e unica que não faz emprego dos oleos comestiveis nas suas conservas. Outras ha, então, que não as fabricam por outro processo.



Tambem, devido a exigencias dos importadores, a massa de tomate tem entrado em percentagem, e como condimento, em pequena quantidade, a folha de louro e o cravo da India.

Retirado o peixe dos *pios*, terminada que foi a embebição, outra personagem apparece n'esta altura. — o soldador, — o protagonista das grêves celebres. Normalmente, a soldagem das latas é feita de lado e a solda exterior, para que não fique em contacto com peixe e oleos. A proposito, cabe dizer que os soldadores são dispensados nas officinas de Ferdinand Garrec & C.^a, pela existencia, all, de machinas que fabricam e fecham

dinha em conserva, *hors d'œuvre* apreciado por tanto *gourmet*, é alimentação base de bastantes que trabalham. Não retira já a sardinha do tablado; restam as cabeças. Do seu esmagamento — em prensas — é extrahido um oleo que vendido para usos industriaes entra na composição dos sabões, e como elemento dos oleos para lubrificação.

Não ficam, certamente, duvidas, quanto a côrte da sardinha é interminavel e variada d'ella fazem ainda parte integra; todo um exercito de caixoteiros, carroceiros, agentes de vendas, donos e moços dos barcos empregados nos transportes para bordo dos grandes vapores, que em Setubal,



Os soldadores

latas, cujo funcionamento offerece justa curiosidade. Fechada a caixa e esterilizada ao vapor, servindo esta operação tambem para reconhecer se a lata apresenta qualquer rotura por onde possa escapar-se o azeite. De resto, as proprias mulheres conhecem as roturas por percussão das caixas umas nas outras.

Resta a limpeza da lata, no que se empregam rapazitos, e consiste em passar as latas por serradura, escovando-as depois, para que percam a exterior oleosidade. E, assim, tem seu termo o fabrico da sar-

diariamente, entram a receber carga. D'esta fôrma o proprio movimento do porto está na dependencia de sua senhoria.

Finalmente, e a lista não termina, temos de augmentar as muitas sociedades de armadores, empregando numerosas companhas na pesca por armações e círcos, além do pequeno pescador com todas as suas lanchas, saveiros, canças, bateiras, esquadra grandiosa de desconjunctados chavecos, que, chefes de audacia, se fazem ao mar n'uma ambição humilde.





Da secagem nas grelhas para a estufa das frituras

Por isso quando a crise surge, ameaçante, quando a sardinha se nega, rogada e esquivada à conquista das rédeas, Setubal tem um calafrio, paira nos ares a aza negra da fome. Ha lamentos, preocupações, amargas horas de ansiedade. A sardinha é tudo.

Se um dia a sardinha emigrasse!...

Mas, ao largo, dobra a torre do Outeiro um rebocador trazendo na esteira uma enfiada de buques a abarrotar de sardinha, e outros mais bandos de velas, bolinando com o galerno, veem aos galgões, rio acima, cortando o lindo Sado muito azul e tranquillo, que em abraços carinhosos os estreita.

Setubal desanuvia-se, agita-se e acode risonha á lota, prestando as honras de

boas vindas á excelsa sen'hora.

E, lá das bandas do Troino e das Fontainhas, accorrem prestes as ranchadas de varinas, n'uma g'alhada festiva, atravessando a Avenida, envoltas nos seus chaes negros, tos como a re-daes no pôr Setubal ri, te, faz planos, dos a'hora a sempre a mes-
— Veiu sar-

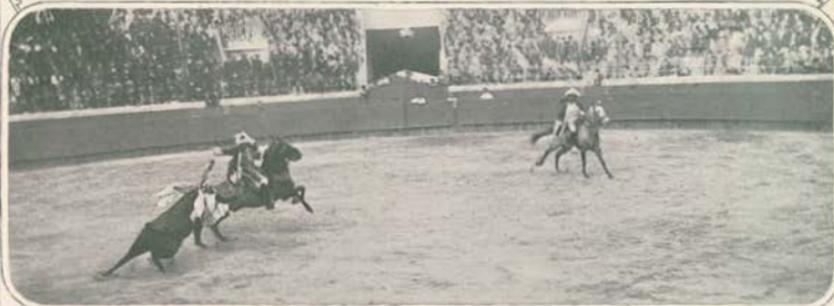
FERNANDO DA

CUNHA E FOYOS.



Outra fabrica de conservas de peixe em Setubal

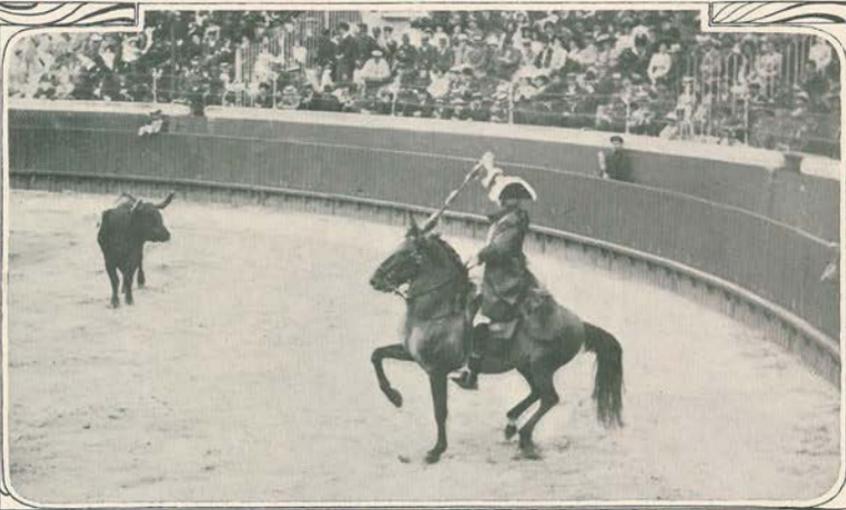
A FESTA DOS CAVALLEIROS
 MANUEL E JOSÉ CASIMIRO



- 1—Manuel Casimiro
- 2—José Casimiro
- 3—Os brindes oferecidos aos cavalleiros
- 4—Manuel Casimiro e José Casimiro no toureio
- 5—Um par de Cadete
- 6—O cavalleiro Fernando Ricardo Pereira no toureio

A festa dos cavalleiros Manuel Casimiro e José Casimiro foi das mais interessantes realizadas este anno na praça do Campo Pequeno. O trabalho a duos dos eximios artistas arrancou justis-





simos applausos, sobretudo por ocasião d'um ferro curto que José Casimiro mettu com a maior mestria.

Os bandarilheiros Ribeiro Thomé e Thadeu applicaram habilmente alguns pares de bandarilhas e o cavalleiro Fernando Ricardo Pereira

tambem se portou com um sangue frio enorme de que resultou a limpeza do seu trabalho n'essa corrida com gado de Emilio Infante e do melhor que pisou a arena esta epoca. Tambem tomaram parte na lide os toureiros hespanhoes Ostioncito e Gallito.



1—José Casimiro citando o touro 2—Manuel Casimiro na lide 3—José Casimiro cravando um ferro (Clichés de Benolief)
4—Passe de capote 5—Derrote d'um forcado

O COMICIO REPUBLICANO

DO DIA 3 DE JULHO

No dia 3 de julho realizou-se n'um recinto, junto da Avenida D. Amelia, um comicio republicano no qual falaram alguns dos mais illustres vultos do partido e se apresentou o sr. dr. Miguel Bombarda, que dias antes fizera a sua profissao de fé republicana.

A multidão, que enchia o



vasto logar do comicio, approvou a moção do directorio, pela qual se repelle toda a solidariedade com os homens e partidos monarchicos sejam quaes fõrem os seus programmas politicos.

Presidiu o sr. dr. Theophilo Braga, que no fim do comicio recommendou ao povo a retirada na melhor ordem, sendo saudados enthuasiasticamente os oradores á sahida do local da reuniao.



1.—O sr. dr. Miguel Bombarda no comicio 2 e 3—Apectos do comicio
(Clubs de Benollec)

A VISITA DE EL REI AO LYCEU CAMÕES.



O chefe de Estado visitou em 2 de julho o novo lyceu Camões, construído magnificamente pelo illustre architecto sr. Ventura Terra. O edificio tem as mais bellas condições, sendo modelar sob o ponto de vista pedagogico e hygienico. A visita foi minuciosa, detendo-se o rei algum tempo no grande gymnasio, na biblio-



1—O rei com o sr. presidente do conselho, director geral d'instrução publica, governador civil e reitor á chegada ao lyceu

theca, no museu e no exame do livro de matriculas. Acompanharam-no durante a visita o presidente do conselho, governador civil, director geral de instrução publica e o reitor do lyceu, sr. dr. Ruy Telles Palhinha.



2—N'uma das aulas o rei, com o presidente do conselho e o director geral de instrução publica, ouvindo o reitor do lyceu, sr. dr. Telles Palhinha

3—Durante a visita

(Clichés de Benoiel)

Agencia de  VIAGENS
ERNST GEORGE
 SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo.
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.
 Cheques para hotels.

RUA BELLA DA RAINHA. 8-LISBOA

Viagens baratissimas
 à TERRA SANTA

RIO DE JANEIRO

Hotel Avenida



O maior e mais importante do Brazil occupando todo o quarteirão. Elevadores e telephones electricos em todos os andares.

220 QUARTOS

Magnificas accommodações, salões para visitas, leitura e banquetes. Diaria de 95000 réis para cima. Telephone 2873. Ender. telegraphico Avenida.

SOUZA, CABRAL & C.^o

AVENIDA CENTRAL, 152 a 162

Ponto de todos os bonds

Annexo: METROPOLE HOTEL, no mais bello e saudavel arrabalde da Capital com magnificas accommodações para familias e cavalheiros. Rua das Laranjeiras, 519.

LES

PHAROES

B. R. C.
ALPHA

São os melhores olhos
 do chaffeur



Agentes em Portugal: **BLANC FRERES**
CALLE ALCALÁ MADRID

Para encadernar a

Ilustração Portuguesa

Já estão à venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o **segundo semestre de 1909** da «Ilustração Portuguesa». Preço 360 réis. Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correo ou sellos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicios respectivos. Administração do **Seculo**—LISBOA.

A SECÇÃO DE CONFECÇÕES

DA

CASA AFRICANA

É A MAIS IMPORTANTE DO PAIZ

Variedade extraordinária. Modelos da mais recente actualidade. Preços da maior economia.

Centenares de confecções de todos os generos, promptas a vestir.

Vestidos Reclame, em magnifica lã, promptos a vestir desde 7\$500 réis. Casacos para viagens, em esplendido chevrote. Novos modelos a 5\$450 réis.

Confecções e vestidos. Modelos de grande luxo. Grande variedade em toilettes de campo e praias.

CASA AFRICANA



Stilli-Flore

Perfume d'uma concentração até hoje desconhecida.

Basta uma gotta para se perfumar.

MODO D'EMPREGO:
Desaparafusar a tampa e exercer uma ligeira pressão na extremidade do Stilli-Flore.

PERFUMARIA ORIZA
L. LEGRAND
11, Place de la Madeleine
PARIS
14-15, Conduit Street, LONDON



NOUVEAU PARFUM
VIOLET
29, Bd des Italiens, PARIS

PRINCIA



COMPANHIA DO

Papel do Prado

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal de Hermio (Louzã), Valle Maior (Abergaria-a-Velha). Installadas para uma producção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

270, Rua da Princeza, 276-LISBOA
49, R. de Passos Manuel, 51-PORTO

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto:
Companhia Prado. Numeros telefonicos:
Lisboa, 605-Porto, 117.

COKE INGLEZ
PARA COSINHA

O MAIS ECONOMICO

R. Conceição, 17, 2.º
LISBOA

Telephone 1738

PARFUM
FLORAMYE
L.T. PIVER
PARIS



Meio seculo de successo

ESTOMAGO

o Elixir do Dr Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente,
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS, E.

A' venda em todas as Pharmacias de Portugal et do Bra " Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris